

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

TERRITÓRIO E FOME, CONCEITOS E REFLEXÃO

TERRITORY AND FAMINE, CONCEPTS AND REFLECTION

DEIVID JUNIOR DE MELO

Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).
E-mail: deividjrmelo@seed.pr.gov.br

MARIANA PEREIRA

Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).
E-mail: marianaps39@gmail.com

RAFAEL ALVES DE LIMA

Discente, Bolsista PIBID do Subprojeto: Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná.
E-mail: rfill_alves@hotmail.com

WAGNER WILLIAMS ALVES

Discente, Bolsista PIBID do Subprojeto: Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná.
E-mail: alves_wagner@live.com

VANESSA MARIA LUDKA

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná e Professora da UENP.
Email: vanessaludka@gmail.com

RESUMO

O território é algo de intensa necessidade de pesquisa, devido a sua complexidade. Atos, cultura, sociedade, relações de poder, enfim, uma série de questões que nos remete ao pensamento de como tudo isso está impregnado no local onde se desenvolveu, se torna fascinante pensar nos amores, no passado glorioso, no desenvolvimento social que um território pode apresentar. O presente artigo, inicialmente, discute os conceitos de território, desterritorialização e fome. A criação de territórios é entendida como territorialização, e sua destruição se entende por desterritorialização, seja ela em qualquer escala temporal, por menor que ela seja, e sua recriação se explica pelos processos de reterritorialização. O fenômeno da fome ocorre dentro de um território, e discuti-la não é uma tarefa fácil, já que a fome pode ser distinguida em diferentes formas segundo Josué de Castro: a endêmica ou epidêmica nas massas humanas, podendo não ser a fome de forma total, e sim a fome crônica, denominada também como fome oculta. Nesta, há falta de elementos nutritivos na alimentação cotidiana, um fenômeno que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo.

Palavras chave: Território; Desterritorialização; Fome.

ABSTRACT

The concept of territory is highly valued and focus of intense debate within academic research, due to its complexity. Acts, culture, society, power relations, various questions that highlight the thought of how all these connections are made and related to the place where it developed with love, glorious pasts, social development and other characteristics that a territory can represent. This paper, firstly, discusses the concepts of territory, deterritorialization and famine. The creation of territories is understood as a process of territorialization, and its destruction as deterritorialization, be it in any time scale, as small as it may be, and its recreation is explained by processes of reterritorialization. The phenomenon of famine occurs within some kind of territory, and debate it is not an easy task, since famine can be distinguished in many different forms according to Josué de Castro: the endemic one, and the epidemic one within

human communities. It can be either total or chronic, also denominated as hidden famine. In it, there is a lack of nutritive elements in the daily basis of food, a phenomenon that corrodes silently various populations across the world.

Keywords: Territory; Deterritorialization; Famine.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo discutir o conceito de território, desterritorialização e fome, afim de que possa se compreender de forma ampla e distinta cada um dos conceitos citados e sua influência para a formação local das pessoas que irão habitar e se desenvolver neste local.

Diante disso vê-se a necessidade de aprofundar a discussão destes conceitos, conceitos estes de fundamental importância para a compreensão e entendimento de tais, atualmente, o território é concebido, nas mais diversas análises e abordagens, como um espaço delimitado pelo uso de fronteiras, não necessariamente visíveis e que se consolida a partir de uma expressão e imposição de poder, no entanto, diferentemente das concepções anteriores, o território pode se manifestar em múltiplas escalas, não possuindo necessariamente um caráter político e a fome como conceito ou algo que interfere diretamente para a formação local deste território e para o processo de desterritorialização do mesmo.

A organização do presente artigo está distribuída inicialmente em apontamentos conceituais sobre o território e desterritorialização, posteriormente uma abordagem do fenômeno

da fome, realizando uma breve reflexão a partir das políticas e ações públicas direcionadas a fome.

1 TERRITÓRIO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

A discussão sobre território é algo muito amplo, e de discussão longínqua, em suas obras e discussões Raffestin, já diferencia o território e ao mesmo tempo afirma que o território é mais jovem que o espaço, ou seja, anteriormente o espaço já existia e então se é criado o território.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo pela representação), o ator “territorializa” o espaço. (Raffestin, 1993, p. 143)

Diante disto podemos compreender de forma mais precisa como se dá a formação do conceito território, de onde ele se forma, de onde ele se deriva.

A formação do território político se dá através de intensas relações de espaço poder onde se o território como espaço delimitado e controlado. Haesbaert (2004) cita em sua obra que o território possui três vertentes sendo ela política, cultural e econômica, a política é a mais difundida, pois através dela é que se evidencia e esta relação de apropriação do território por fronteiras já

que é um espaço delimitado e controlado que se exerce determinado poder político de um Estado.

Os pensamentos e definições de território e espaço são distintos e diferem de alguns autores, porém outros já entram em concordância, podemos ver bem isso na definição realizada por Raffestin (1993) que diz que o território é espaço político por excelência, o campo da ação do poder, então se território é o espaço da ação, o que é territorialidade? Ainda para o mesmo autor, é o espaço tomado como produto, é o espaço modificado pelo trabalho e revelam-se as relações de poder, ou seja, reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral onde os homens vivem ao mesmo tempo o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e produtivas.

O território é algo de intensa necessidade de pesquisa, devido a sua complexidade, atos, cultura, sociedade, relações de poder, enfim, uma série de questões que nos remete ao pensamento de como tudo isso está impregnado no local onde se desenvolveu, se torna fascinante pensar nos amores, no passado glorioso, no desenvolvimento social que um território pode apresentar. A mais intensa e interessante forma de ver o território é o olhar que temos interiorizado dentro de cada um de nós, impregnado com nossos sofismo, ideais e objetivos que nos permitem vislumbrar este território de maneiras e olhares diversos e cada olhar de cada ser é um olhar diferente e único, tornado este território magnífico ao olhos de quem vê e o sente.

Com o progresso da globalização, difundiu-se o conceito de um mundo cada vez mais desenraizado, volátil, fluido (virtual), em detrimento de um mundo mais enraizado (territorial). Para Haesbaert (2002), o conceito de território é o mais difundido dentro da Geografia, e em sua maioria, os trabalhos focalizam sua destruição, sendo assim, a desterritorialização, sem deixar claro que a concepção de território se encontra por trás deste processo.

Temos, então, dependendo da ênfase a um ou outro de seus aspectos, uma desterritorialização baseada numa leitura econômica (deslocalização), cartográfica (superação das distancias), “técnico-informacional” (desmaterialização das conexões), política (superação das fronteiras políticas) e cultural (desenraizamento simbólico-cultural). Na verdade, parece claro, são processos concomitantes: a economia se multilocaliza, tentando superar o entrave distancia, na medida em que se difundem conexões instantâneas que relativizam o controle físico das fronteiras políticas, promovendo, assim, um certo desenraizamento das pessoas em relação aos seus espaços imediatos de vida. Mas o que se vê, na realidade, são relações muito complexas. [...] A desterritorialização que ocorre numa escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra [...] (HAESBAERT, 2002, p.132-3).

A criação de territórios se é entendido como territorialização, e sua destruição se entende por desterritorialização, seja ela em qualquer escala temporal, por menor que ela seja, e sua recriação se explica pelos processos de reterritorialização.

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

Para Deleuze e Guatari (1997) não existe uma desterritorialização desconectada de uma posterior reterritorialização.

A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que D é *negativa*. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido, com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...] (DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 224).

Segundo Chelotti (2013), dentre as obras que ratificam a reterritorialização e aqueles que a destacam, podemos exemplificar alguns, como Stoper (1994), Ianni (1995), Andrade (2002), Neves (2002), Saquet (2003), Haesbaert (1997, 1999, 2001, 2002, 2004, 2006), Oliven (2006). Esses estudos começaram a se destacar na década de 1990, quando o processo de globalização da economia mundial se localizava em um momento histórico importante do sistema capitalista, e teve uma de suas principais características o processo de desenraizamento, ou melhor, os processos de desterritorialização.

Ianni (1995), dizia que a globalização tende a desenraizar as coisas, as ideias, as pessoas, e que tudo tende a se desenraizar: mercado, mercadorias, empresa, capital, moeda, projeto, gerencia, agencia, tecnologia, publicidade. Assim se constitui o novo processo

de desterritorialização, uma característica da sociedade global em formação.

O conceito de desterritorialização aplica-se não apenas a óbvios exemplos, como corporações, transnacionais e mercados monetários, mas também a grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos que atuam crescentemente em moldes que transcendem fronteiras e identidades territoriais específicas. A desterritorialização tem afetado as lealdades de grupos envolvidos em diásporas complexas, suas manipulações, monetárias e outras formas de riqueza e investimento, bem como as estratégias de Estado. O debilitamento dos vínculos entre o povo, riqueza e territórios, por sua vez, tem alterado a base de muitas interações globais significativas e, simultaneamente, põe em causa a definição tradicional de Estado. (IANNI, 1995, p.93).

Pode se verificar o fortalecimento de barreiras/fronteiras, a sociedade global é pensada, muitas vezes, apenas na perspectiva econômica, porém, no plano político e cultural, a reafirmação de regionalismo e impedimento do livre acesso das pessoas.

Só se pode compreender a globalização pela cuidadosa documentação dos casos em que ocorre a *desterritorialização* e daqueles em que a territorialização continua a exercer um forte papel; no primeiro caso, as atividades se tornam menos dependentes de recursos, práticas e interdependências específicas de um local. No segundo, continuam enraizadas em aspectos específicos locais. Só analisando os mutáveis e complexos padrões de territorialização e desterritorialização de atividades se pode desenhar um quadro preciso da natureza da globalização (STORPER, 1994, p.13).

Para entendermos os processos de desterritorialização deve ser consultado uma das mais importantes contribuições para a

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

Geografia, analisando também os processos de reterritorialização que é encontrada em Haesbaert (1997).

Apesar de distinguirmos analiticamente território e rede, como já ressaltamos no capítulo anterior, estes encontram-se tão articulados quanto o processo contraditório de territorialização-desterritorialização que os produz. Desse modo, as redes não podem ser vistas apenas como “destruidoras de territórios”: uma combinação articulada de redes, “malhas”, por exemplo, pode ser a base de um processo de (re) territorialização, ou seja, de formação de novos territórios (HAESBAERT, 1997, p.94).

Saquet (2003) analisou o processo de desterritorialização de imigrantes italianos no final do sec. XIX e sua reterritorialização no Rio Grande do Sul. Para o autor, a desterritorialização está intimamente ligada a reterritorialização, citando como exemplo o assentamento dos italianos no sul do país, mas especificamente no Rio Grande do Sul, sendo entrelaçados na dinâmica espacial.

Ao mesmo tempo, se para os agentes promotores da colonização italiana no Rio Grande do Sul as questões econômicas e (geo) política foram as principais, para os imigrantes, a reterritorialização poderia significar melhores condições de vida. A des-territorialização italiana implicou na re-territorialização em outros lugares, onde os grupos sociais desenvolveram estratégias distintas para produzir, controlar e manter um *novo* território e *novas* territorialidades, como fruto da imbricação entre as *velhas* e as *novas* territorialidades no movimento de desterritorialização. (SAQUET, 2003, p.54)

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

Para Oliven (2006), a desterritorialização é um conceito utilizado para exemplificar fenômenos que se originam em um determinado espaço e que acabam migrando para outros. Para o autor, esse termo só faz sentido se for correlacionado com a reterritorialização, pois os costumes e as ideias saem de um lugar, mas entram em outro no qual se adaptam e se integram.

A adoção da tradição originária da região da Campanha por habitantes de outras áreas do Rio Grande do Sul significou um primeiro processo de desterritorialização da cultura gaúcha que saiu de sua origem e adquiriu novos significados e novos contextos. Hoje há CTGs em todas as regiões do Rio Grande do Sul. Como se sabe, os gaúchos, em geral os descendentes dos colonos que não conseguem terras no Rio Grande do Sul, têm migrado para outros estados em busca de terras. Isso ocorreu com Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Rondônia e etc. E onde há gaúchos há CTGs. Hoje, 37% dos CTGs estão no Rio Grande do Sul. A manutenção da cultura gaúcha por parte dos rio-grandenses que migraram para outros estados representa um novo processo de desterritorialização que é importante porque a cultura gaúcha continua com seus descendentes que muitas vezes nunca estiveram no Rio Grande do Sul. (OLIVEN, 2006, p. 160-161).

O território, além de suas relações de poder, também demonstra relações de diversidade. É na diversidade territoriais que se formam novas geografias, muitas vezes fazendo percurso contrário aos interesses dos grupos historicamente hegemônicos.

2 CONCEITUANDO A FOME

O fenômeno da fome sempre vai ocorrer em um território, assim sendo, são indissociáveis. A fome pode causar a impossibilidade dos cidadãos de acessar a direitos sociais básicos, deve-se tratar a fome como questão nacional e não como individual, é de responsabilidade de toda sociedade e dos governos, nas suas esferas federal, estaduais e municipais. Assim a geografia assume um papel em seu estudo:

A despeito da Geografia que abraçara, voltada a outro aspecto das relações do homem com o meio, tratando exatamente, daquilo que o homem não fez, não soube ou não quis fazer. Tratava das possibilidades geográficas que ele não aproveitou ou que malbarateou. Não era, pois, uma geografia das grandezas humanas, mas uma geografia das suas misérias. 'Uma geografia de trágica singularidades, na qual se estudava não a terra que dá de comer ao homem, mas o homem servindo apenas para alimentar a terra (CASTRO, 1968, p.25).

O homem tem em suas mãos a chance de fazer o bem e o mal, quando se nega de contemplar algum direito a outro indivíduo está infringindo a Constituição, já que todos possuem o direito garantido pela mesma de uma alimentação de qualidade, porém nem sempre é o que ocorre. Assim sendo, grandes problemas são criados quando esse direito não é garantido, problemas tais como a fome, que levará a desnutrição do indivíduo.

Discutir a fome não é uma tarefa fácil. Porém para melhores esclarecimentos deste conceito, recorrera-se a grandes autores relacionados que já abordaram o fenômeno da fome. Para

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

dar início, Josué de Castro, foi um grande pesquisador da fome no Brasil, formado em medicina, com uma dedicação maior a temática da fome. Josué de Castro escreveu diversos livros sobre o conceito da fome, e muitos desses trabalhos do autor, foram escritos antes mesmo do conceito ser debatido no país. Em seu livro *Geografia da Fome* de 1984. Castro relata que a fome no Brasil se dá de um contexto histórico, e vem desde seus primórdios.

“A fome, no Brasil, é consequência, antes de tudo, do seu passado histórico, com os grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas quase sempre por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil” (CASTRO, 1984, p. 25).

“Mas a fome sempre existiu como sempre houve pobreza e miséria ao lado da riqueza e do luxo. Todas as antigas civilizações não foram, em última análise, senão “pequenas ilhas de riqueza e de cultura, emergindo de um intenso mar de pobreza e escuridão” na frase expressiva de Kenneth Boulding” (CASTRO; 1966, p.21).

Portanto a fome não teve início com os acontecimentos contemporâneos, como pode-se observar nos escritos de Josué de Castro, a fome sempre existiu, pois não é um fenômeno natural e sim causado pelo próprio homem, é um fenômeno social, econômico e político.

Castro (1984), analisa a fome de forma endêmica ou epidêmica nas massas humanas. Não sendo a fome total, e sim a

fome parcial e a fome crônica, denominada também como fome oculta, nesta, há falta de elementos nutritivos na alimentação cotidiana, um fenômeno que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo.

Josué de Castro, realizou uma pesquisa com quais os tipos de fome no Brasil, dividindo-a por regiões, esta pesquisa foi publica em seu livro Geografia da Fome. Sendo assim CASTRO (1984) descreveu os tipos de fome existentes nas regiões brasileiras, e divide o Brasil em cinco regiões de acordo com a alimentação, e o tipo de fome. As regiões criadas por CASTRO (1984) são:

- Área da Amazônia;
- Área da Mata do Nordeste;
- Área do Sertão do Nordeste;
- Área do Centro-Oeste;
- Área do Extremo Sul.

A Área da Amazônia tem como alimento básico a farinha de mandioca, consumo de peixes e outros animais de água doce, além de feijão e arroz, predominância da influência de uma alimentação baseada na alimentação indígena. Apesar de não apresentar grandes casos de fome, a região acaba tendo um grande déficit proteico, já que a população apenas dispõe da proteína do peixe, além da falta de sais minerais derivados das plantas, já que o solo acaba tendo poucos nutrientes devido à grande quantidade de

chuvas e temperaturas elevadas na região. A fome na Amazônia é decorrente principalmente da pobreza da floresta equatorial em alimentos (CASTRO, 1984).

No Nordeste a fome não se explica somente pelas causas naturais, mas sim pela exploração desenfreada de uma monocultura, que acabou fazendo com que os pequenos agricultores vendessem suas terras para os grandes latifundiários, tornando essa região uma região pobre, porém não é uma região que se tem fome devido ao clima, mas sim por causa de uma exploração desenfreada, que não se preocupava com as consequências que iriam ter. A alimentação básica do nordestino varia de acordo com a região em que o mesmo reside, apesar de em alguns itens se assemelhar, como é o caso dos alimentos derivados de caprinos, consumidos em toda região nordeste. Mas também é possível verificar uma alimentação a base de farinha e feijão, na região do sertão nordestino, e de peixes e outros animais aquáticos, na região da mata nordestina.

No Centro-Oeste a principal carência encontrada é a de iodo, que é um importante componente químico do produto hormonal, encontrado na tireoide. Os nutrientes da alimentação dessa região se baseiam em carne bovina, farinha de milho, feijão, arroz e carne de porco.

A região do extremo Sul acaba sendo a região mais bem alimentada do país, porém é a região que se observa as maiores carências de proteínas nas crianças dos grandes centros, e apesar

de ser bem alimentada, a região é a que sofre com os maiores casos de desnutrição crônica no país.

Acabar com a fome é uma tarefa difícil, devido a sua carga histórica, porém não é impossível a ponto de não se tentar fazê-la. MINAYO (1986), retrata em seu livro *Raízes da Fome*, a fome como um câncer que está enraizado em todas as sociedades do mundo, e como essa doença acaba corroendo a humanidade, MINAYO (1986, p.16) ainda completa dizendo que “a Fome é uma realidade inescapável que tem de ser levada em conta quando se considera com sinceridade qualquer mudança social”. Sendo assim, analisar, através das mudanças sociais, quais são os principais motivos relacionados com a fome, deve ser uma tarefa obrigatória quando essas mudanças acontecem.

“A FOME é um fenômeno histórico que povos e nações conseguiram erradicar e que outros povos e nações veem-na aprofundar-se como um mal que se alastra e assola a sua gente, torna-a frágil e dependente” (MINAYO, 1986, p. 21).

Para MINAYO (1986) a fome não é um fenômeno histórico somente no Brasil, e apesar de vários povos e nações já terem erradicado, muitos outros ainda sofrem com esse mal. A fome continua sendo um grande desafio, e um assunto proibido, como relata Castro 2003. Nesse caso buscar maneiras de combater-la acaba tendo um maior grau de dificuldade.

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

Indagações como: “Como em um mundo que possui uma produção agrícola em massa, ainda ouve-se falar de pessoas que morrem de fome?” “Como que o Brasil, onde há uma grande produção de alimentos, existe tanta miséria?” Percorrem os pensamentos de muitos indivíduos. Uma das respostas é a concentração de renda nas mãos da minoria.

A fome não é um problema inevitável, o mundo possui todos os recursos possíveis e conhecimentos tecnológicos para que se consiga alimentar a população do planeta (GEORGE, 1978). Porém a falta de organização e de planejamentos relacionados com o combate à fome acabam dificultando sua derrota.

Ziegler (2013) acaba chamando à atenção para o problema da fome quando ele assemelha a mesma com o crime organizado. Diante desse fato podemos ver a gravidade da fome. George (1978) também demonstra a gravidade da fome quando diz que se você levar seis horas para ler seu livro, nesse período, em algumas partes do mundo 2.500 pessoas terão morrido por fome, ou por doenças produzidas pela fome.

O direito à alimentação é de longe o mais violado no mundo (ZIEGLER, 2013), e não garantir esse direito deveria ser visto como crime, já que milhões de pessoas morrem todos os anos devido a esse mal. Mas não é só a fome que mata, se ter uma má alimentação também vem sendo uma das grandes causas de mortes no mundo.

Carência de vitaminas e minerais podem, de fato, provocar graves problemas de saúde: grande

vulnerabilidade a doenças infecciosas, cegueira, anemia, letargia, redução das capacidades de aprendizado, retardamento mental, deformações congênitas, morte. (ZIEGLER, 2013, p. 56).

Como podemos observar, a má nutrição também é um mal que deve ser combatido junto com a fome, porém esse acaba sendo mais difícil, já que a má nutrição acaba sendo menos perceptível do que os males causados pela fome. Um homem, mulher ou criança, que esteja com má nutrição pode apresentar um peso ideal para a sua idade, e estar com uma má nutrição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos a partir deste breve estudo compreender que o fenômeno da fome é indissociável do território, pois sempre a primeira ocorrerá dentro da segunda, não tendo como ser discutida a fome sem o território. Compreende-se que a fome em nosso território é algo histórico decorrente de toda questão social e cultural vinda de uma formação territorial sem estrutura, má distribuição de renda, população e principalmente desinteresse por parte dos governantes em solucionar a questão da fome em nosso território. Evidencia-se assim que a questão da fome é bem mais difícil de solução por parte da própria população brasileira.

A sociedade atual encontra-se cada vez mais tecnológica e moderna, em pouco tempo, com auxílio da internet e de outros recursos tecnológicos principalmente na área agrícola, podemos produzir mais em um curto espaço de tempo. Porém ainda não se

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

consegue solucionar o problema da fome. Será por falta de comida? Desigualdade entre as classes sociais? Ou má distribuição de renda?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **A nova Geografia da Fome e da Pobreza**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 27-77.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **O Brasil sem miséria** / Organizadores: Tereza Campello, Tiago Falcão, Patricia Vieira da Costa. – Brasília: MDS, 2014.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1984.

CASTRO, J. **O Livro Negro da Fome**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966

CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome. 8.ed. São Paulo/SP: Brasiliense S.A., 1968 (a). v.1 (p.9 – 210) / (b). v.2 (p.211 – 467)

CASTRO, Josué de. **Fome: um tema proibido – últimos escritos de Josué de Castro**/ Organizadora: Anna Maria de Castro. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas de reforma agrária na campanha gaúcha**. In: CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária. 2013. p.1-25. v.8

DELUESE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. v.5

MELO, D.; PEREIRA, M.; LIMA, R.; ALVES, W.; LUDKA, V.

IANNI, O. A desterritorialização. In: _____ **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 89-105

GRECO, Riccardo. **Literatura e Fome: Representações da velha luta entre opulência e miséria**. São Paulo: Baleia na rede, 2007.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: Eduff, 1997. In _____ **Territórios alternativos**. Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. NETO, Otávio Cruz. **Introdução: RAÍZES DA FOME**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Raízes da Fome**. – 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda e FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social, 1986.

OLIVEN, R. G. Território, fronteiras e identidade. In: SCHURLER, F.; BARCELLOS, M de A. (Org.) **Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. P. 157-166.

ROCHA, Sonia. ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. Geografia da pobreza extrema e vulnerabilidade à fome. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: Edições Est, 2003.

STOPER, M. Territorialização numa economia global: possibilidades de desenvolvimento, tecnológico, comercial e regional em economias subdesenvolvidas. In: LAVINAS, L. ; CARLEIAL, L. M. da F.; NABUCO, M. R. (Org) **Integração, região e regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.13-26.